

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Advento/Natal 2024

JUBILEU 2025

PARA TODOS, TODOS, TODOS



«Alegres na Esperança»
Rm 12, 12

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia.
Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da
Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:
lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Ana Horgan Ulrich
Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Leonor Carvalho
M^a Carmen García San Segundo (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Jubileu 2025 para todos, todos, todos

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Advento
8	1 dezembro – “Cumprirei a promessa!”
13	8 dezembro – O rumor de Deus e a nossa nudeza
18	15 dezembro – Alegres na Esperança
23	22 dezembro – Faça-se a Tua vontade
	PARTE II Natal
30	25 dezembro – Jesus, alicerce de vida
35	29 dezembro – A casa do Pai
39	1 janeiro – Dirigiram-se apressadamente para Belém!
43	5 janeiro – “Viemos adorá-IO.”
49	12 janeiro – Amados incondicionalmente hoje e sempre
	PARTE III
56	Introdução
58	Breve história do Jubileu
60	Bula de proclamação do Jubileu de 2025 – Papa Francisco
62	Nos Caminhos de Jaime Bonet
64	Jubileu: "50 anos de vida missionária"

Alegres na esperança

Todos nós sabemos que, na Igreja, está a decorrer um Sínodo e, também, que vamos iniciar o Jubileu 2025.

Com referência ao lema do Jubileu, “**Peregrinos na esperança**”, a Família Missionária Verbum Dei de Lisboa escolheu como lema para o próximo ano “**Alegres na esperança**”, da carta aos Romanos 12, 12.

O Jubileu vai começar no dia 24 de dezembro com uma cerimónia de abertura da Porta Santa pelo Papa Francisco.

Numa situação de um mundo cheio de guerras, injustiças, egocentrismos, individualismos, desejos de poder... e de procuras, por vezes, desumanizadoras, abrir uma porta pode ser uma lufada de ar fresco. Uma porta que se abre e que areja, que renova o ar viciado, traz frescura e anseios de respirar com profundidade. O Sínodo e o Ano Jubilar convidam-nos a isto, a caminhar, a peregrinar e a entrar numa vivência de esperança.

A esperança que ainda não temos, e pela qual esperamos, não vem sozinha, não cai do céu e também não cresce por geração espontânea. A esperança não é o resultado de uma espera passiva, sentados no sofá de nossa casa. É preciso procurá-la. Também não é uma espera tristonha, pessimista, desanimada. Pelo contrário, o nosso lema impele-nos, de forma muito especial, a uma espera com alegria pessoal e comunitária.

O Advento pode ser esse caminho, tingido pela cor da alegria e da esperança. Domingo após domingo, vamo-nos preparando para encontrar a nossa esperança, que é a esperança certa, que não desilude e não engana (Rm 5, 5), e que é Jesus.

Este ano, a chegada de Jesus vai ter uma expressão bíblica – “A porta” –, uma porta que se vai abrir para um encontro pessoal com Jesus, que é, Ele próprio, a porta da salvação (Jo 10, 7-9).

Vamos começar o Ano Santo Jubilar, encontrando-nos com Jesus, que é a nossa esperança (1 Tm 1, 1). É um menino, um bebé quem vai trazer a alegria de acreditar em respostas de esperança, para nós e para o mundo. Jesus, com a Sua vida, vai mostrar-nos como crescer em caminho, com a esperança e a alegria de sermos Seus seguidores.

Abramos os nossos corações a este Ano especial e pacificador para o mundo.

Notas:

parte I

Advento

“Cumprirei a promessa!”

Jr 33,14-16 «Eis o que diz o Senhor: “Dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz à casa de Israel e à casa de Judá. Naqueles dias, naquele tempo, farei germinar para David um rebento de justiça que exercerá o direito e a justiça na Terra. Naqueles dias, o reino de Judá será salvo e Jerusalém viverá em segurança. Este é o nome que chamarão à cidade: ‘O Senhor é a nossa justiça’”.» (Jer 33, 14-16)

Sl 24 (25)

1 Ts 3,12–4,2

Lc 21,25-28.34-36

«Irmãos: O Senhor vos faça crescer e abundar na caridade uns para com os outros e para com todos, tal como nós a temos tido para convosco.» (1 Ts 3, 12)

«Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, na Terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar. Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo, pois as forças celestes serão abaladas. Então hão de ver o Filho do homem vir numa nuvem, com grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima. Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tornem pesados pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida, e esse dia não vos surpreenda subitamente como uma armadilha, pois ele atingirá todos os que habitam a face da Terra. Portanto, vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem”.» (Lc 21, 25-28.34-36)

Estamos, novamente, em tempo de Advento! Passou mais um ano, onde aconteceram muitas coisas a nível pessoal e global. Chegámos a este momento do ano, a este tempo de espera e esperança na vinda do Menino Jesus, Salvador.

Começava estas pistas questionando: “Nestes tempos, como estou eu? O que trago por dentro? O que espero deste momento de encontro e oração?”.

E, deixando algum espaço e tempo, procurando silenciar os pensamentos e preocupações da vida, peço que Vós, Deus Pai, Jesus, Espírito Santo, possais entrar, para ficarmos juntos.

Respiro profundamente, para que em cada inspiração possa receber o Vosso sopro de vida, e em cada expiração possa libertar o que me pesa. E repito-o tranquilamente, as vezes que forem necessárias, até sentir que estamos mais próximos.

Ouçõ, então, na minha mente as palavras que me diriges, Senhor, através da primeira leitura do livro de Jeremias: *“Dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz...”*. E deixo-as ecoar durante algum tempo, sem pressa. Tomo consciência do que vou sentindo ao escutar repetidamente esta mensagem. O meu corpo fica progressivamente menos tenso, as minhas ideias e pensamentos tornam-se mais ténues, o meu coração fica mais leve e a minha alma pacificada.

Sim, querido Deus, Tu tranquilizas-me, pois, hás de cumprir o que me prometeste. A Tua promessa é a Salvação, é o Amor, é a Paz. E cumprir-se-á, a seu tempo.

Neste momento, fico um pouco perturbada, pois penso nas realidades que me preocupam no presente e até no futuro, nos sofrimentos que me rodeiam e na confusão deste mundo.

Mas, fecho os olhos e volto a inspirar profundamente, mais uma vez, e outra vez, como se quisesse respirar em sintonia com o Espírito Santo.

E escuto as palavras do Evangelho de São Lucas *“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, na Terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar.*

Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo, pois as forças celestes serão abaladas.”

Fico alguns minutos a deixar-me envolver por esta mensagem, num primeiro momento muito consciente dos sentimentos de angústia, medo, pavor, insegurança que experimento, por mim e por toda a humanidade. O meu corpo e o meu coração voltam a ficar mais tensos...

Mas sei que não estou sozinha e que o mundo não está abandonado, por muito que, por vezes, nos custe a acreditar e a ter esperança.

É importante permanecer, apesar de alguma perturbação. As experiências anteriores de encontro com Deus ajudam-me a esperar e a “aguentar” mais um pouco.

E, de uma forma suave e simultaneamente poderosa, ressoa em mim a frase:

“Então, não de ver o Filho do homem vir numa nuvem, com grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima”.

És Tu, Jesus, que Te ofereces, hoje, aqui e agora. És Tu que vens, sempre, em cada Natal, para nos mostrares que não precisamos de viver ansiosos, pesados, com medo.

Nestes momentos em que me entrego nas Tuas mãos e me deixo inundar pela Tua Sabedoria, pelo Teu Amor, pela Tua Paz, experimento um rasgo de consciência e existência divinas...

E, assim, quando “vou para a vida”, faz toda a diferença...

Por isso, é essencial que aconteçam mais estes momentos. É isto que nos recomendamos quando dizes: *“Portanto, vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem”*.

Termino esta oração, agradecida, inspirada e tranquila. Não tenho pressa em retomar os ritmos exteriores do ambiente. O meu pensamento vai para uma frase da Primeira Carta aos Tessalonicenses, em forma de prece: *“Senhor, faz crescer a caridade de uns para com os outros e para com todos”*.

Querido Jesus, obrigada por nasceres continuamente... para nos mostrares que podemos viver **“Alegres na Esperança”**.



*Nasce, ó Jesus, e ensina-me a nascer:
quando as esperanças se rompem como coisas gastas
quando o dia não chegou a cumprir nem metade da sua promessa
quando me faltam as forças para o degrau seguinte e hesito
quando da sementeira julgo recolher apenas um vazio
quando o caminho parecia mais leve e simples do que depois foi.*

*Nasce, ó Jesus, e ensina-me a nascer:
quando não consigo fazer do amor uma escrita legível
quando a insatisfação corrói até o espaço da alegria
quando as mãos desaprendem a transparente dança do dom
quando não me sei abandonar verdadeiramente a ti!*

*Nasce, ó Jesus, e ensina-me a nascer:
diz ao meu coração que não é tarde, nem longe
segreda-me que não tenho de fazer coisa nenhuma
senão deixar-me amar.*

(José Tolentino de Mendonça)

O rumor de Deus e a nossa nudeza

Gn 3,9-15.20 «Depois de Adão ter comido da árvore,
o Senhor Deus chamou-o e disse-lhe: “Onde
estás?”

SI 97 (98)

Ele respondeu:

Fl 1,4-6.8-11 “Ouvi o rumor dos vossos passos no jardim
e, como estava nu, tive medo e escondi-me”.

Lc 1,26-38

Disse Deus:

“Quem te deu a conhecer que estavas nu?

Terias tu comido dessa árvore, da qual te proibira comer?”.

Adão respondeu:

“A mulher que me destes por companheira
deu-me do fruto da árvore e eu comi”.

O Senhor Deus perguntou à mulher:

“Que fizeste?”

E a mulher respondeu:

“A serpente enganou-me e eu comi”.

Disse então o Senhor Deus à serpente:

“Por teres feito semelhante coisa,
maldita sejas entre todos os animais domésticos
e entre todos os animais selvagens.

Hás de rastejar e comer do pó da terra
todos os dias da tua vida.

Estabelecerei inimizade entre ti e a mulher,
entre a tua descendência e a descendência dela.

Esta te esmagará a cabeça
e tu a atingirás no calcanhar”.

O homem deu à mulher o nome de ‘Eva’,
porque ela foi a mãe de todos os viventes.»

(Gn 3, 9-15. 20)

No dia em que celebramos a Imaculada Conceição, proponho rezarmos esta passagem tão conhecida do Génesis, encontrando nela um novo sentido através desta festa.

Deus fala-nos, porventura, sobretudo através do coração... e o coração “sussurra” baixinho e lentamente, contrariamente à nossa mente que “grita” e é acelerada.

A ideia do homem que, na sua fragilidade (nudez), escuta, ainda assim, o rumor de Deus é qualquer coisa de transformador na minha oração! No fundo, lembra-me de que Adão sempre esteve a salvo, mesmo já se experimentando condenado por Deus. Adão já vivia a sua condenação, estava consumado. De facto, sempre tinha lido esta passagem na lógica em que é retratado o nosso afastamento do Criador...

Deus sempre “está” e “é”! Isso também ocorre nos nossos momentos em que, aparentemente, estamos de “costas voltadas” para Ele.

De facto, parece que precisamos de momentos de desolação para nos entregarmos à Sua consolação... Por isso, mais do que estar sempre numa luta interior para não “cair nesse buraco”, hoje sinto que o Senhor me chama a aceitar-me na minha nudez, e a confiar que o Criador sempre me ama, sempre “passeia junto a mim”.

A minha transformação dar-se-á do interior para o exterior e esta purificação de coração acontecerá exatamente através do amor (e não pela autopunição)... Existirá nas palavras proferidas, desde a primeira criatura, um sentimento de culpa, de que algo falhou no ser humano perante o Criador.

Parece que a culpa nos acompanha desde a criação... Esta culpa é, portanto, também “porta” para a maior das transformações – é

que, mesmo que fuçamos de Deus Pai, Ele permanece perto, atento, passeando ao redor, em relação!

Deus “é” relação com cada um de nós! O vínculo entre Criador e Criatura não pode ser quebrado... O Adão, na sua vivência, julga-se afastado de Deus e a sua culpa vem da possibilidade de decepcionar o seu Criador. A efetiva atitude de Deus é andar por perto dele, procurando-o...

Acredito que é profundamente transformador confiarmos mais que Deus “não foge” perante tamanhos disparates que vamos fazendo na nossa existência, vezes sem conta, contra nós próprios e contra os nossos irmãos!

Deus permanece e não se escandaliza!

Não se trata de colocar em causa a relação de Deus comigo, mas, na minha relação com Ele, a minha relação com a minha própria existência.

Encontrar neste Adão, ainda que ferido, a capacidade para reconhecer os passos “tão suaves” de Deus e, com Ele, entrar em diálogo, expor-se, e a Ele respondendo no meio do seu medo e da sua agitação interior, é a maior luz!

Arrisco até a escrever que, se “pisar o risco” nos permite continuar a ter Deus nas nossas vidas, vejamos os nossos erros realmente como oportunidades salvíficas!

Uma coisa é certa: Deus não se aproximou dos “menos pecadores” (o que quer que isso signifique, pois não há quem possa “atirar a primeira pedra”...) e muitos pecadores encontraram n'Ele o seu melhor amigo e, assim, converteram-se a uma vida mais fecunda e plena de alegria. Não mais fácil...

Cuidemos de nós próprios, reconhecendo que o mais imaculado com que contamos (e sem razão de pecado) é o Amor incondicional de Deus por cada um de nós! Encontremos, nesta presença, constante emoção, força e razão para continuar a amar a Deus no nosso caminho, seja ele mais ou menos sinuoso.



“(...) Deus é Pai e de que a sua paternidade é onipotência e criação. De que há um mistério na história: as coisas estão condicionadas pela nossa liberdade - que é real - mas tudo permanece sempre nas Suas mãos. E de que Deus pode extrair o bem do mal. Pode arrancar vida do pó. E se alguém me está a fazer mal, um Outro saberá tirar proveito disso. E não me deixa cair das Suas mãos. Assim, uma pessoa aceita deixar-se comer pelos micro-organismos. É aí que Deus realiza as maiores obras. Porque nessas situações nós somos impotentes e Ele, por fim, poderá agir livremente.

Já escrevi noutro lugar que Deus colocou os maiores presentes da minha vida nas mãos daqueles que me fizeram mal e que toda a questão estava em passar das minhas obras ao poder de Deus. Em saltar para os Seus braços.”

(A Arte de Recomeçar, de Fabio Rosini)

Alegres na Esperança

- Sf 3,14-18a** «Naquele tempo, as multidões perguntavam a João Baptista: “Que devemos fazer?” Ele respondia-lhes: “Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma e quem tiver mantimentos faça o mesmo”. Vieram também alguns publicanos para serem batizados e disseram: “Mestre, que devemos fazer?”. João respondeu-lhes: “Não exigiais nada além do que vos foi prescrito”.
- Sl Is 12, 2-3.4bcd.5-6**
- Fl 4,4-7**
- Lc 3,10-18**

Perguntavam-lhe também os soldados: “E nós, que devemos fazer?” Ele respondeu-lhes: “Não pratiqueis violência com ninguém nem denunciéis injustamente; e contentai-vos com o vosso soldo”. Como o povo estava na expectativa e todos pensavam em seus corações se João não seria o Messias, ele tomou a palavra e disse a todos: “Eu baptizo-vos com água, mas está a chegar quem é mais forte do que eu, e eu não sou digno de desatar as correias das suas sandálias. Ele baptizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo. Tem na mão a pá para limpar a sua eira e recolherá o trigo no seu celeiro; a palha, porém, queimá-la-á num fogo que não se apaga”. Assim, com estas e muitas outras exortações, João anunciava ao povo a Boa Nova.»

(Lc 3,10-18)



As leituras deste terceiro domingo do Advento, como, aliás, este tempo de espera, que é favorável a rezar o que esperamos e como esperamos, transmitem e concretizam a mensagem do lema da Verbum Dei Lisboa para este ano: “Alegres na Esperança”.

Respondem a duas questões essenciais que identifico no lema, entre outras possíveis:

1) Onde busco, procuro e encontro a minha Alegria? O que me parece equivaler a perguntar onde busco, procuro e encontro a minha Confiança/Esperança?

S. Paulo responde claramente: “*Alegrai-vos sempre no Senhor*”. É em Deus, nosso Pai, que enviou Seu Filho, Jesus, e ainda nos ofereceu o Espírito Santo e uma mãe, Maria, para que vivamos em alegria, na Sua Alegria, porque sabemos, e podemos confiar e descansar na ideia de que Ele nos criou, é a fonte da nossa vida, está sempre connosco e não nos deixa sós, mesmo nas situações mais difíceis, e que em tudo contribui para o bem de quem O ama.

Que alegria esta Confiança me traz: é Ele a fonte da minha alegria. Porquê?

- foi Ele quem me criou, por isso tenho em mim tudo o que preciso para ser quem sou e para me deixar transformar;
- é Ele quem melhor me conhece, por isso é Ele quem melhor me guia e indica o caminho, bem como me transforma onde preciso;
- é Ele quem me chama a ser quem sou, a melhor versão de mim própria, por isso é Ele quem também me capacita e me faz ir além dos limites das minhas forças e por caminhos que desconheço ou, às vezes, evitaria;

- é Ele quem me ama primeiro e, por isso, me ensina a amar como Ele, e me capacita com os dons de que preciso para tal, na relação comigo e com os outros;
- foi Ele quem já venceu este mundo, quem soube transmitir-me a Sua Alegria para que também eu saiba onde e como encontrar a Alegria;
- foi Ele quem me confiou ao Seu Pai para estar no mundo, sem ser do mundo, nem cair nas tentações do mundo;
- foi Ele quem disse muitas e muitas vezes aos seus discípulos e amigos, que também somos nós: “Não temais!”, “Não tenhas medo”, “Não te inquietes”, “Não te preocupes”;
- foi Ele quem viveu, morreu e ressuscitou como Santo, para nos servir de modelo na vocação que escolhermos.

2) Partindo, então, dessa Alegria na Esperança, de que modo devemos viver?

É a pergunta a que João Batista responde a várias pessoas no Evangelho. E a Alegria de Jesus, que vem da Confiança no Pai, levou-O a viver por amor. Um amor que ultrapassa as nossas medidas humanas, mas que Jesus veio mostrar aos humanos ser possível, com a força e graça do Pai.

E a cada um de nós chama-nos de forma muito concreta. Chama-nos a sermos bons. Chama-nos a escolhermos o bem todos os dias em tudo o que somos e fazemos: no que preparamos para o outro, no nosso trabalho, em cada tarefa, em cada conversa, em cada olhar para cada pessoa, no que dizemos, em tudo, inclusivamente no que possa parecer mais insignificante. Chama-nos a pôr o nosso ser por inteiro em cada instante. Aos professores, que ensinem com amor, que transmitam o seu saber e experiência, atendendo a quem têm à frente; aos “cobradores de impostos” ou outras profissões do mesmo tipo, que façam o seu trabalho de forma justa e séria, rigorosa e construtiva; aos médicos, que curem, escutem, amparem de diversas maneiras o paciente; aos advogados, que

sejam cuidadosos e dedicados com os que defendem e na forma como aconselham as pessoas, nas soluções que buscam; às pessoas ligadas à Igreja, que saibam acolhê-las e senti-las, ler as suas necessidades e medos, aconselhar e acompanhar com amor e, como Jesus o fazia, sempre à luz de Deus. A todos, sermos testemunhas d'Ele, repartirmos o que somos, darmos o que podemos, partilharmos o que temos com quem precisa, não “forçar” ninguém a nada, não querer mais do que é devido. Ele chama-nos a sermos BONS (não ingênuos, mas bons) e alegres por o sermos, como Jesus foi.

Tudo isto só será possível com Ele. É esta Confiança que nos dá a Alegria.



“Fecha-se o círculo. «C’est la confiance». É a confiança que nos conduz ao Amor e assim nos liberta do temor; é a confiança que nos ajuda a desviar o olhar de nós mesmos; é a confiança que nos permite colocar nas mãos de Deus aquilo que só Ele pode fazer. Isto deixa-nos uma imensa torrente de amor e de energias disponíveis para procurar o bem dos irmãos. E assim, no meio do sofrimento dos seus últimos dias, Teresa podia dizer: «Conto somente com o amor». Em última análise, conta só o amor. A confiança faz desabrochar as rosas e espalha-as como um transbordar da superabundância do amor divino. Peça-mo-la como dom gratuito, como valiosa prenda da graça, para que se abram na nossa vida os caminhos do Evangelho.”

(Papa Francisco,

“Só a Confiança – Exortação apostólica *C’est la confiance* sobre a confiança no amor misericordioso de Deus”, pp. 31-32)

Faça-se a Tua vontade

Mq 5,1-4a «Eis o que diz o Senhor: “De ti, Belém-Efratá, pequena entre as cidades de Judá, de ti sairá Aquele que há de reinar sobre Israel. As Suas origens remontam aos tempos de outrora, aos dias mais antigos. Por isso, Deus os abandonará até à altura em que der à luz aquela que há de ser mãe. Então voltará para os filhos de Israel o resto dos seus irmãos. Ele se levantará para apascentar o Seu rebanho pelo poder do Senhor, pelo nome glorioso do Senhor, Seu Deus. Viver-se-á em segurança, porque Ele será exaltado até aos confins da terra. Ele será a paz”.»

(Mq 5, 1-4a)

«Irmãos: Ao entrar no mundo, Cristo disse: “Não quiseste sacrifícios nem oblações, mas formaste-Me um corpo. Não Te agradaram holocaustos nem imolações pelo pecado. Então Eu disse: ‘Eis-Me aqui; no livro sagrado está escrito a Meu respeito: Eu venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade’”. Primeiro, disse: “Não quiseste sacrifícios nem oblações, não Te agradaram holocaustos nem imolações pelo pecado”. E no entanto, eles são oferecidos segundo a Lei. Depois, acrescenta: “Eis-Me aqui: Eu venho para fazer a Tua vontade”. Assim, aboliu o primeiro culto para estabelecer o segundo. É em virtude dessa vontade que nós fomos santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre.»

(Hb 10, 5-10)

«Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino exultou-lhe no seio. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor”»

(Lc 1, 39-45)



As leituras de hoje, em especial o Evangelho, são-nos muito familiares. A Visitação foi a leitura que nos acompanhou durante o tempo em que preparámos a visita do Papa a Portugal, no ano passado. Maria pôs-se a caminho apressadamente, dissemos tantas vezes. O seu sim incondicional levou-nos a pensar nos nossos “sins” e nos nossos “nãos”. Hoje, mais de um ano depois, e mesmo antes de celebrarmos a chegada de Jesus, profetizada na primeira leitura, este “sim” de Maria consegue continuar a inquietar-nos?

Há dois temas nestas leituras que me interpelam muito. O primeiro é o da vontade de Deus para nós. “A vontade de Deus”: começam logo aqui as dificuldades... Saber a vontade de Deus parece, muitas vezes, uma tarefa impossível. Seja porque a vida é tão acelerada que nem há tempo para ponderar as decisões que se tomam no dia-a-dia, seja porque – como dizia São Paulo –, não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, seja porque estou mesmo confusa, sem saber o que realmente Deus me está a pedir. Por isso, sinto que é cada vez mais importante ir à Missa, rezar, fazer um retiro ou uma peregrinação. São momentos para parar de falar e de pedir - e começar a escutar.

Contudo, quando conseguimos discernir essa vontade (e nem sempre é assim tão difícil), há caminhos muito mais fáceis de aceitar do que outros. Alguns são agradáveis, encaixam no rumo que sonhávamos. Podemos imaginar que, para Isabel, não foi difícil aceitar a sua gravidez. Devia ser muito grande a sua vontade de ser mãe, mesmo em tão avançada idade. Mas outros, são bem mais difíceis. Para Maria, certamente que não terá sido fácil dizer o seu “sim”.

Há “sins” que nos pedem sacrifícios, pedem que nos desinstalemos, que mudemos os nossos planos, como fez Maria. E há até situações em que aceitamos essas mudanças de planos, quando é da nossa vida que se trata, mas já não temos a mesma capacidade de aceitar a vontade de Deus quando se trata da vida daqueles que amamos. Por exemplo, quando os nossos filhos seguem um rumo que, no coração, sabemos que é o que Jesus lhes pede, mas não era bem esse o sonho que, nas nossas cabeças, tínhamos inventado para eles.

O segundo aspeto que me tocou ao rezar estas leituras foi o apelo à paz. Parece sempre, em todos os tempos, que a paz é difícil de alcançar. Seja no mundo, na nossa vida e na dos que nos rodeiam, ou no nosso interior. No entanto, sabemos que se aceitarmos, aos poucos e na medida das nossas limitações, abraçar a mensagem de Jesus de perdoar e amar, a paz chega ao nosso coração e aos que nos rodeiam. Todos já a experimentámos e sabemos que assim é. Mas manter essa paz é sempre muito desafiante. Permanecer na paz é um dos desafios mais difíceis que enfrentamos. E nesta época natalícia, paradoxalmente, nem sempre é fácil conseguir essa paz. E é, precisamente, uma época em que precisamos muito dela!

Fica o desafio para este último Domingo do Advento:

- Reservar meia hora para reler as leituras e dizer “sim”: aceitar a nossa vida, com o que agradecemos nela, mas também com aquilo de que não gostamos tanto – na vida, nos outros, em nós.
- Perguntar, de coração aberto, a Jesus: Qual é a Tua vontade? O que farias no meu lugar?
- Terminar dizendo: Faça-se a Tua vontade.

Madre Cabrini, Padroeira Celeste de todos os Migrantes

Hoje é o dia de Santa Francisca Xavier Cabrini. Por ser alguém cuja missão e chamamento foi servir os emigrantes italianos nos EUA, trabalhando para a paz, recordamos a sua vida.

Francisca nasceu em Itália, em Sant'Angelo Lodigiano, região da Lombardia, em 15 de julho de 1850. Ao ficar órfã de pai e mãe, quis retirar-se para um convento, mas seu pedido foi rejeitado por causa da sua saúde precária. Então, decidiu cuidar de um orfanato. Criou, com algumas companheiras, o primeiro núcleo das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração, sob a proteção do santo missionário Francisco Xavier. Quando professou os primeiros votos religiosos, quis acrescentar ao seu nome o de Xavier.

Francisca compreendeu que a era moderna seria marcada por enormes fluxos migratórios e por homens, mulheres e crianças em fuga por um futuro melhor e pacífico. Numa carta às Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, o Pontífice afirma que Santa Francisca “recebeu de Deus uma vocação missionária particular: formar e enviar mulheres consagradas ao mundo inteiro, com um horizonte missionário sem confins; elas não seriam, simplesmente, auxiliares de Institutos Religiosos ou Missionários masculinos, mas tinham um carisma próprio de vida consagrada; estariam, plena e totalmente, disponíveis a colaborar com as Igrejas locais como também com as diversas Congregações que se dedicavam ao anúncio do Evangelho ad gentes”.

O seu carisma levou-a aos Estados Unidos para dar assistência à comunidade italiana. Dedicou a sua vida aos órfãos e doentes, criando centros de assistência em Itália, Espanha, Grã-Bretanha e em várias regiões dos Estados Unidos, América Central, Argentina e Brasil. Morreu a 22 de dezembro de 1917, no hospital para migrantes que ela mesma havia construído em Chicago. O seu corpo foi trasladado para Nova Iorque para a “Mother Cabrini High School”. Foi proclamada Santa por Pio XII em 7 de julho de 1946. Em 1950, tornou-se “Padroeira Celeste de todos os Migrantes”.

(Adaptado de www.vaticannews.va)



parte II

Natal

Jesus, alicerce de vida

Missa da aurora	«Caríssimo: Ao manifestar-se a bondade de Deus nosso Salvador e o Seu amor para com os homens, Ele salvou-nos, não pelas obras justas que praticámos, mas em virtude da Sua misericórdia, pelo batismo da regeneração e renovação do Espírito Santo. Deus derramou abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador.»
Is 62,11-12	
Sl 96 (97)	
Tt 3,4-7	
Lc 2,15-20	(Tt 3, 4-7)

«Quando os Anjos se afastaram dos pastores em direção ao Céu, começaram estes a dizer uns aos outros: “Vamos a Belém, para vermos o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer”. Para lá se dirigiram apressadamente e encontraram Maria e José e o Menino deitado na manjedoura. Quando O viram, começaram a contar o que lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. E todos os que ouviam admiravam-se do que os pastores diziam. Maria conservava todas estas palavras, meditando-as em seu coração. Os pastores regressaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido anunciado.»

(Lc 2, 15-20)



Natal!!

Escolhi as leituras da Missa da aurora, porque, para mim, “aurora” é uma palavra que me remete para novas possibilidades. Um recomeço. A aurora é terra de promessas, de infinitas possibilidades, de recomeços.

Bem sei que escrevo estas pistas muitos dias antes do Natal, mas, conhecendo-me já um bocadinho, também sei que vou ceder ao stress do Natal, da organização familiar, da correria de última hora, do querer fazer tudo e estar em todo o lado ao mesmo tempo, do querer ter aproveitado melhor as oportunidades para rezar... enfim!

Como chego aqui, Pai? Consigo parar e desfrutar desta boa-nova que nos trazes? Deste Jesus que nasce? Ou chego aqui ainda com o stress das festas, dos preparativos, das prendas? Com o coração na boca com a correria? Em passos mansinhos, para não acordar o Menino e passar despercebida?

Os pastores viram os sinais, ouviram o chamado dos anjos e partiram para ir ver o que era, quem era este menino de quem lhes falaram. E eu? Acredito que este Deus que nasce hoje vem trazer-me a Salvação? Para mim, para a minha vida, nas minhas circunstâncias atuais? Hoje, dia 25 de Dezembro de 2024?

Às vezes, confundo salvação com resolução de problemas. Rezo tantas vezes a pedir resposta, a pedir ajuda para esta ou aquela situação, à espera de uma solução milagrosa... Outras vezes, confundo salvação com facilidade ou facilitismo, toques de magia para me fazerem sair de onde estou e me colocarem onde imagino que quero estar, sem fazer todo o trabalho pelo meio, ou me trazerem sonhos de realização e prestígio social...

No dicionário, a palavra “salvação” significa, entre outras coisas, tirar ou livrar de um perigo. O perigo de irmos com a corrente, de optar pelo caminho da superficialidade e do individualismo, pelo caminho da maioria, do olhar por cima do outro, da comparação, da benevolência com que às vezes olhamos os outros porque nos sentimos diferentes... Mas “salvação” também significa redenção, libertação. Libertação de ideias, de pensamentos, de crenças, conduzindo a uma transformação, se as trocarmos por outras, pelas de Deus. Olhamos para o presépio e vemos lá as pessoas que se deixaram verdadeiramente transformar, que acolheram de braços abertos a salvação que Deus trouxe às suas vidas. Que deixaram as suas ideias próprias para acolherem e verdadeiramente revolucionarem as suas vidas para seguirem Deus.

Tenho consciência de que a minha vida é onde se passa a história da salvação hoje?

É na minha vida que vai acontecer a salvação de Deus: com a transformação da minha vida e do meu coração, da minha maneira de viver e de olhar o mundo e os outros... de viver a minha família e a minha entrega. De alargar a minha tenda e aprender a ser família para todos os que se cruzam comigo.

O que é isto de transformar a vida? Por onde se começa? Ao longo deste ano, tive muitos momentos de “seca” na oração. A minha fé andava mesmo pequenina, desalentada, nem luzinha era, mas apercebi-me de que isso acontecia porque muitas vezes ando à procura da “validação” de Deus: validação em relação aos meus pensamentos, às minhas ações, para sossegar o meu coração mais do que me deixar contemplar e encontrar por Deus, e ouvir o que Ele tem para me dizer. Deixar que derrame o Seu Espírito e a Sua misericórdia sobre mim, como diz S. Paulo, para que cada vez mais eu seja capaz de me transformar, de concretizar o sonho de salvação e deixar crescer a esperança e o amor dentro do meu

coração. Para que também eu seja capaz de a trazer ao mundo, como fizeram Maria, José, os Pastores, os Magos, a um mundo como o de hoje, que precisa urgentemente de sinais de esperança.

Que hoje seja mais um dia no nosso caminho de transformação interior e que Jesus seja cada vez mais o alicerce da nossa vida.



*O mais importante não é...
eu procurar-Te,
mas sim que Tu me procuras por todos os caminhos (Gen 3, 9);
eu chamar-Te pelo Teu nome,
mas sim que Tu tens o meu nome marcado na palma
da Tua mão (Is 49, 16);
eu gritar-Te quando nem palavras tenho,
mas sim que Tu entras suavemente
em mim com o Teu grito (Rom 8, 26);
eu ter projetos para Ti,
mas sim que Tu me convidas a caminhar contigo
em direção ao futuro (Mc 1, 17);
eu compreender-Te,
mas sim que Tu me compreendes até
ao meu último segredo (1 Cor 13, 12);
eu falar de Ti com sabedoria,
mas sim que Tu vives em mim e Te exprimes
à Tua maneira (2 Cor 4, 10);
eu guardar-Te na minha caixa de segurança,
mas sim que eu sou como uma esponja
no fundo do Teu oceano (EE 335);
eu amar-Te com todo o meu coração
e com todas as minhas forças,
mas sim que Tu me amas com todo o Teu coração
e com todas as Tuas forças (Jo 13, 1);
eu consolar-me e planificar,
mas sim que o Teu fogo arde dentro dos meus ossos (Jer 20, 9);
Porque, como é que eu seria capaz
de procurar-Te, chamar-Te, amar-Te...
se Tu não me procurasses, chamasses
e me amasses primeiro?*

(Benjamin Gonzalez Buelta, sj)

A casa do Pai

- Sir 3,3-7.14-17a «Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele fez doze anos, subiram até lá, como era costume nessa festa. Quando eles regressavam, passados os dias festivos, o Menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem. Julgando que Ele vinha na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-l’O entre os parentes e conhecidos. Não O encontrando, voltaram a Jerusalém, à sua procura. Passados três dias, encontraram-n’O no templo, sentado no meio dos doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos aqueles que O ouviam estavam surpreendidos com a sua inteligência e as suas respostas. Quando viram Jesus, seus pais ficaram admirados; e sua Mãe disse-Lhe: “Filho, por que procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos aflitos à Tua procura”. Jesus respondeu-lhes: “Por que Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?”. Mas eles não entenderam as palavras que Jesus lhes disse. Jesus desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua Mãe guardava todos estes acontecimentos em seu coração. E Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens»
- (Lc 2, 41-52)



esta Festa da Sagrada Família, rezo sobre a adolescência, o sonho e as expectativas.

Não tenho dúvidas de que a adolescência dos filhos é o momento mais desafiante para os pais. Mesmo para aqueles que têm a sorte de ter em casa bons estudantes, que não se metem em problemas e geralmente lhes são obedientes, não há “passeios no parque”. Até Jesus desafiou e desconcertou os Seus pais.

Este menino era especial. Maria e José tinham plena consciência disso, desde a primeira hora. E não são especiais também os nossos meninos? Claro que sim, até por todo o empenho e dedicação que, felizmente, lhes votamos. E esse é um dos problemas: esperamos demasiado que eles cumpram as nossas expectativas. Sonhamos para eles tudo o que tivemos de bom e ainda mais: tudo o que gostaríamos de ter recebido, feito ou sentido. E esperamos que eles não só vivam e concretizem o nosso sonho para eles, como ainda o agradeçam. No entanto, a liberdade do Amor de Deus é um pouco diferente: o plano do Pai para nós é uma proposta que vamos descobrindo e desenvolvendo ao longo da vida. Mas a liberdade do Seu amor permite-nos, em cada momento, tomar as nossas decisões sem censuras nem reprimendas. Porque enquanto espera que nos aproximemos continuamente de Si, alegra-Se com tudo aquilo que vamos vivendo, sonhando e concretizando.

É esta grande diferença que temos de rezar, pedir ajuda ao Senhor para nos iluminar o caminho. Porque não é fácil abdicar do conforto que um controlo total nos proporcionaria, em troca pela esperança de que a semente de amor que plantámos e cuidámos continuará a crescer e a dar fruto por si só. Há momentos que teremos apenas de guardar no coração, tal como Maria fez.

Mas ser família é mais do que ser pai e mãe. Começa precisamente por o casal responder à necessidade de alimentar a sua relação, o

seu amor e cumplicidade; estar forte e unido para enfrentar, entre outros, o desafio da parentalidade. E quanto mais diferentes formos na forma de ser e educar, mais unidos temos de estar como marido e mulher, caso contrário não vamos resistir às diferenças acentuadas pelas dificuldades. E quando não há um companheiro, não há desculpa: temos de cuidar de nós próprios e pedir (ainda mais) ajuda ao Senhor.

Mergulhando um pouco mais nesta Palavra, não deveríamos estar mais vezes na casa do Pai? Eu, que não sou tão santo como quem lê este Caderno, deveria, sim. Porque estar na casa do Pai é mais do que estar na capela ou igreja. É estar na casa a que pertencemos, que nos viu nascer e crescer; é estar ao colo de Quem nos conhece e nos ama; é escutar a Sua palavra com o coração. E seguir crescendo em sabedoria e graça.



Diariamente lançamos sementes à terra, trabalho duro, longo, lavrado em silêncio; só muito depois a obra dará seus frutos – espanto

Há gestos diariamente repetidos. Nem sempre produzem efeitos imediatos. Apenas mais tarde germinarão. Por vezes, nem o próprio será testemunha do impacto do seu longo trabalho. Silencioso, invisível, banal. Cuidar de uma criança, por exemplo: conscientes do impacto futuro da qualidade da relação emocional vivida nos primeiros anos de vida, esta é uma tarefa contínua, que não pede nem espera reconhecimento.

Nada germina sem tempo de dedicação. Uma espera tranquila. Uma entrega com alma, essencial para a existência em tudo quanto é bem feito. A ideia de uma missão nunca completa. (...)

Desígnio difícil, secundarizado numa “sociedade espetáculo” que reclama no aqui e agora os frutos imediatos de um gesto ou intenção. (...)

(...) “a criança acredita na manhã do mundo”: como um campo à espera de ser lavrado.

(Pedro Strecht, Harmonia p.139-140, Lisboa, 2022)

Dirigiram-se apressadamente para Belém!

- Nm 6,22-27 «Naquele tempo, os pastores dirigiram-se apressadamente para Belém e encontraram
- Sl 66 (67) Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. Quando O viram, começaram a
- Gl 4,4-7 contar o que lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. E todos os que ouviam
- Lc 2,16-21 admiravam-se do que os pastores diziam. Maria conservava todos estes acontecimentos, meditando-os em seu

coração. Os pastores regressaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido anunciado. Quando se completaram os oito dias para o Menino ser circuncidado, deram-Lhe o nome de Jesus, indicado pelo Anjo, antes de ter sido concebido no seio materno.»

(Lc 2, 16-21)



Os pastores dirigiram-se apressadamente para Belém. Reencontramos nesta leitura uma palavra que fez parte do lema da Jornada Mundial da Juventude em Lisboa: “Apressadamente”. «*Maria levantou-se e partiu apressadamente*» (Lc 1, 39). Os pastores, tal como Maria, sentiram esta ânsia de mudança, de novidade, como dizia o hino da JMJ, “há pressa no ar”. Jesus é aquele que não deixa ninguém indiferente, por ser interpelação, proposta de salvação e de redenção. Para os pastores que viviam longe das cidades, numa situação de exclusão social profunda, como que vivendo entre animais, a boa-nova é recebida com imensa alegria, por aspirarem a qualquer coisa de diferente. O “apressadamente” é dirigido a estes pobres, que têm fome de mudança. “Apressadamente” reflete, assim, um estado de espírito alheio à indiferença, ao quotidiano que nos esmaga com notícias que nos roubam a esperança, que nos fazem desacreditar. A leitura não nos diz, mas é possível intuir que nem todos os pastores da região partiram apressadamente. Apenas alguns, provavelmente uma minoria, sentiram no seu coração algo diferente, atreveram-se a escutar a voz de Deus, sentiram-se chamados a partir.

Hoje, a Igreja celebra a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, mas celebra também o Dia Mundial da Paz. Desde que este Dia foi instituído, em 1968, o tempo presente é, provavelmente, aquele em que a paz está mais em perigo. Em que mais pessoas em todo o mundo anseiam por uma esperança que as salve, que as retire do que a todos parece ser a inevitabilidade da guerra. Talvez apenas uma minoria acredite na possibilidade de paz. Talvez apenas um punhado de homens de boa vontade se predisponha a escutar a voz de Deus e a partir apressadamente. Mas há pressa no ar, porque cada dia que passa estamos, seguramente, mais longe da paz.

Acreditar na criança que nasce numa manjedoura é também acreditar no triunfo da humildade, da mansidão, num Deus que vai ao encontro dos miseráveis e dos excluídos, de todos os que mais anseiam pela salvação.

Hoje é, também, o primeiro dia do ano. Um dia que a cultura popular nos habituou a considerar como sendo de resoluções e desejos. Desejar um feliz ano novo é muito mais que uma tradição, uma frase de circunstância. É acreditar realmente na possibilidade de ser feliz, de viver em paz, e desejar que essa possibilidade seja universal, como o Jesus que em todos quer nascer.



Encontrar o nosso verdadeiro Nome

Perante uma necessidade concreta e urgente, é preciso agir apressadamente. No mundo, quantas pessoas esperam uma visita de alguém que cuide delas! Quantos idosos, doentes, presos, refugiados precisam do nosso olhar compassivo, da nossa visita, de um irmão ou uma irmã que ultrapasse as barreiras da indiferença!

*Quais são as «pressas» que vos movem, queridos jovens? O que é que vos faz sentir de tal maneira a premência de vos moverdes que não conseguis ficar parados? Há muitos que, impressionados por realidades como a pandemia, a guerra, a migração forçada, a pobreza, a violência, as calamidades climáticas, se interrogam: Por que é que me acontece isto? Porquê precisamente a mim? Porquê agora? Mas a pergunta central da nossa existência é esta: **Para quem sou eu?** (cf. Francisco, Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 286).*

(Mensagem do Santo Padre Francisco
para a XXXVII Jornada Mundial da Juventude 2022-2023)

“Viemos adorá-lo.”

- Is 60,1-6 «Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes,
- Sl 71 (72) quando chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente.
- Ef 3,2-3a.5-6 “Onde está – perguntaram eles – o rei dos judeus que acaba de nascer?”
- Mt 2,1-12 Nós vimos a Sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”.

Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade de Jerusalém.

Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias.

Eles responderam: “Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo Profeta:

“Tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá um chefe, que será o Pastor de Israel, meu povo”.

Então, Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela.

Depois enviou-os a Belém e disse-lhes: “Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino;

e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo”.

Ouvido o rei, puseram-se a caminho. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente

seguia à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino.

Ao ver a estrela, sentiram grande alegria. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, Sua Mãe, e, prostrando-se diante d'Ele, adoraram-nO.

Depois, abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

E, avisados em sonhos para não voltarem à presença de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.»

(Mt 2, 1-12)



Relemos, em cada ano, este relato (que só surge no Evangelho de Mateus) que nos apresenta estas personagens misteriosas: três magos, vindos do Oriente, atrás de uma estrela. Muito se tem escrito acerca deles, quer na Literatura quer na Teologia. Estão representados em inúmeras pinturas, têm lugar nos Presépios das igrejas e nos de nossas casas: são-nos familiares.

Mas quando procuramos rezar a partir do texto – que é Palavra de Deus –, não importa tanto quem eles eram nem como seriam: importa perceber o que é que Deus me quer dizer a mim, hoje, através destas personagens e das suas atitudes. É nisto que é importante determo-nos.

Nas leituras que antecederam o Natal, ao longo de todo o Advento, e nas desse tempo também, vemos que a vida que Deus nos quer oferecer é uma vida escondida, invisível, que não se descobre no imediato.

Só um coração prudente e humilde, como o de José, descobre que Deus lhe fala nos sonhos e aceita que Ele lhe mude a vida (cf. Mt 1, 18-24).

Só um coração atento e acolhedor, como o de Isabel, vislumbra que aquela rapariga grávida que a visita é “*a Mãe do meu Senhor*” (cf. Lc 1, 43) e que nela habita a salvação do mundo, a salvação de todos os homens de todos os tempos.

Só um coração inteligente e simples, como os dos Magos, se deixa conduzir apenas pelo brilho de uma estrela, através do desconhecido, até Àquele que é a Luz, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Tantas estrelas temos tido na nossa vida a orientar-nos para Jesus! Julgo que não nos apercebemos bem disso, desse dom enorme que é este de Deus Se nos dar a conhecer e Se aproximar de nós no silêncio e na oração, sim, mas também nos acontecimentos e nas pessoas.

Quem foram/são para mim, na minha vida, pessoas-estrela?
E como posso eu ser uma pessoa-estrela para outros?

“Onde está?” – era a pergunta que os Magos traziam consigo. Seriam, muito provavelmente, sábios, cientistas, estudiosos, entendidos em muitas matérias. Mas não ficaram acomodados ao que já conheciam: quiseram saber mais, viver mais, ir mais longe – sem saber até onde os conduziria esse desejo, que era, no fundo, a sede de absoluto que todo o ser humano tem em si.

“Puseram-se a caminho” – é uma atitude fundamental para quem quer encontrar-se e encontrar. Lembram-se do lema da JMJ 2023 em Lisboa? *“Maria levantou-se e partiu apressadamente”*. Quando partimos, podemos não saber onde vamos chegar ou mesmo se vamos chegar. Mas, temos uma certeza: sabemos Quem vai conosco!

“E eis que a estrela que tinham visto no Oriente seguia à sua frente” – Deus não defrauda quem põe Nele a sua confiança. Se aceitamos ser conduzidos por Ele (ainda que na subtil, quase invisível, presença de uma estrela), Ele há de conduzir-nos ao que sonhou para nós, que é sempre *“infinitamente mais do que podemos pedir ou sequer imaginar”* (Ef 3, 20).

“(…) abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe presentes” – que tesouros tenho, de onde posso tirar o que posso oferecer a outros e entregar a Deus? Tempo, atenção, perdão, amor, alegria, paciência, serviço, bem... Tenho tantos tesouros! Como posso partilhá-los melhor?

“(…) regressaram à sua terra por outro caminho.” – é a conversão. Ninguém fica igual depois de se encontrar com Jesus! Ele muda-nos o coração, muda-nos a vida, muda-nos o rumo que talvez desejássemos dar às nossas decisões. Quando nos encontramos com Ele, o que julgamos ser nosso deixa de o ser: passa a ser d'Ele, porque livremente Lho queremos oferecer.

Os Magos põem-se a caminho à procura do Rei que nasceu. São imagem dos povos que caminham em busca de Deus, dos estrangeiros que agora são conduzidos ao monte do Senhor (cf. Is 56, 6-7), dos distantes que agora podem ouvir o anúncio da salvação (cf. Is 33, 13), de todos os extraviados que escutam o apelo duma voz amiga. (...)

Os Magos têm os olhos apontados para o céu, mas os pés caminhando na terra e o coração prostrado em adoração.

Em primeiro lugar, os Magos têm os olhos apontados para o céu. Habita-os a nostalgia do infinito, e o seu olhar é atraído pelos astros celestes. Não vivem a olhar para a ponta dos pés, fechados sobre si mesmos, prisioneiros dum horizonte terreno, arrastando-se na resignação ou na lamentação. Levantam a cabeça, à espera duma luz que ilumine o sentido da sua vida, uma salvação que vem do alto. E, assim, vêem despontar uma estrela, a mais brilhante de todas, que os atrai e põe a caminho. (...)

Os Magos não se limitam a olhar a estrela, as coisas elevadas, mas têm também os pés caminhando na terra. Põem-se em viagem rumo a Jerusalém e perguntam: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo» (Mt 2, 2). São uma coisa só: os pés associados com a contemplação. O astro que brilha no céu envia-os a percorrer as estradas da terra; ao levantar a cabeça para o alto, são impelidos a descer; ao procurar a Deus, são enviados para O encontrar no homem, num Menino que jaz numa manjedoura, porque Deus, que é o infinitamente grande, revelou-Se neste pequenino, no infinitamente pequenino. É preciso sabedoria, é preciso a assistência do Espírito Santo para compreender a grandeza e a pequenez na manifestação de Deus.

Por fim, pensemos também que os Magos têm o coração prostrado em adoração. Fixam a estrela no céu, mas não se refugiam numa devoção desligada da terra; põem-se em viagem, mas não vagam como turistas sem meta. Chegaram a Belém e, quando viram o Menino, «prostrando-se, adoraram-n'O» (Mt 2, 11). Depois, abriram os seus tesouros e ofereceram-Lhe ouro, incenso e mirra. «Com estes místicos dons, fazem conhecer quem é Aquele que adoram: com o ouro declaram que é Rei, com o incenso que é Deus, com a mirra que é mortal» (S. Gregório Magno, Homilia X no dia da Epifania, 6). (...) Redescubramos o gosto da oração de adoração. Reconheçamos Jesus como nosso Deus, como nosso Senhor, e adoremos. Hoje, os Magos convidam-nos a adorar. (...)

(PAPA FRANCISCO)

Basílica de São Pedro, 6 de janeiro de 2024 (excertos)
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2024/documents/20240106_omelia-epifania.html)

Amados incondicionalmente hoje e sempre

Is 42,1-4.6-7 «Estando o povo na expectativa e pensando intimamente se ele não seria o Messias, João disse a todos: “Eu baptizo-vos em água, mas vai chegar alguém mais forte do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias. Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo”.

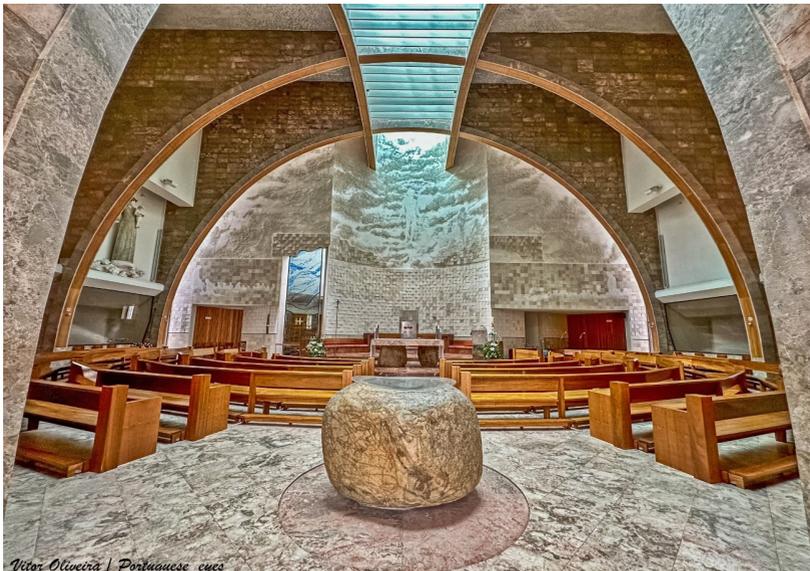
Sl 28 (29)

At 10,34-38

Lc 3,15-16.21-22

Todo o povo tinha sido baptizado; tendo Jesus sido baptizado também, e estando em oração, o Céu rasgou-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado”.»

(Lc 3, 15-16. 21-22)



Névoa Oliveira | Portuguese eyes

Somos chamados a celebrar, em Igreja, o Batismo de Jesus. Mas também somos chamados a celebrar o nosso batismo.

As palavras que se ouvem vindas do céu – «*Tu és o Meu Filho muito amado, em Ti pus todo o meu agrado.*» – também nos são dirigidas, a cada um de nós, pelo nosso batismo.

Saber e descobrir que somos amados é uma experiência fundamental para todos nós. E aqui ouvimos essa declaração de amor vinda do próprio Deus.

E, ao contrário do que tantas vezes pensamos, não necessitamos de ser perfeitos. Somos amados sem condições, somos amados com as nossas imperfeições. Deus declara constantemente, e desde sempre, o Seu amor por nós.

Acolho e aceito este amor na minha vida?

Para além do amor de Deus, Seu Pai, Jesus descobre a origem da Sua missão nestas palavras. Uma missão fundada no amor, na descoberta de ser amado por este Deus. Uma missão para o amor e para os outros.

Será que também me deixo interpelar para uma missão fundamentada no amor e no ser amado por Deus que também é meu Pai?

Nestas palavras vindas do alto – «*Tu és o Meu Filho muito amado, em Ti pus todo o meu agrado.*» –, somos introduzidos na família de Deus. Por elas, descubro-me filho de Deus e irmão de Jesus.

Para Jesus, estas palavras lançam-n’O na Sua vida pública, enviam-n’O em missão.

E a mim? A que me interpelam estas palavras?

Só no diálogo com Jesus, na oração e na Sua Palavra, é que posso ir percebendo como posso ser filho como Ele. Perceber que missão sou chamado a viver. Perceber como posso amar como Ele, como Deus me pede que o faça.

A maneira de ser filho como Jesus abre-me à fraternidade, a olhar para todos como meus irmãos.

Todos sabemos que os nossos atos, as nossas ações, têm impacto na vida dos outros. Queremos que esse impacto seja o impacto do amor?

Para podermos ir discernindo, dia a dia, no cotidiano, qual a nossa missão em concreto, como podemos amar verdadeiramente, vamos ter de fazer momentos de silêncio, rezar e deixar que o nosso coração seja transformado pelo amor de Deus.

Escutar uma e outra vez estas palavras: *«Tu és o Meu Filho muito amado, em Ti pus todo o meu agrado.»* E entender que as mesmíssimas palavras são ditas a todo e cada ser humano.

Somos convidados a deixarmo-nos transformar por este amor incondicional que Deus nos tem.

A transformar o nosso amor num amor cada vez mais parecido com este amor que Jesus anuncia e vive.

Este é o tempo para essa transformação. Vamos a isso?

Queridos irmãs e irmãos:

Hoje celebramos o Batismo de Jesus e, no Batismo de Jesus, celebramos o nosso próprio batismo. E o que é o Batismo de Jesus? É a compreensão da vida, do ponto de partida da vida. Qual é o teu ponto de partida? O nosso ponto de partida tem de ser este: a compreensão do amor de Deus. Deus que me ama como eu sou, Deus que se maravilha comigo, Deus que se encanta com a mulher e com o homem que eu sou, tal como sou. Deus que se encanta, Deus que não quer que Eu seja o que eu não posso ser, o que eu nunca vou ser, o que eu devia ser e não sou. Deus que me ama como eu sou e que deposita em mim, de forma incondicional, o Seu amor. A grande questão da nossa vida não é o que é que eu faço para saciar um Deus insaciável, mas como é que eu respondo a esta dádiva incondicional de amor que Deus já me deu, que Deus já depositou no meu coração.

Uma coisa é estar a responder a um Pai severo, insaciável e intransigente; outra coisa é estar a receber um Pai que nos diz: “Aconteça o que acontecer, Eu estou contigo, tens o Meu amor, Eu estou a teu lado, Eu suporto-te, Eu trago-te aos Meus ombros, Eu confio em ti, tu és o Meu filho, tu és a Minha filha.” Esta certeza do amor de Deus é a nossa razão de viver.

Queridos irmãs e irmãos:

Nós mantivemos o presépio até este dia. Podíamos já tê-lo arrumado, domingo passado, depois da festa dos Magos, mas quisemos trazê-lo até este dia porque este é o momento do nosso nascimento. O batismo também é um nascimento, também é um presépio e este é o momento em que cada um de nós tem de nascer do amor, calando as vozes erradas que também nos habitam.

É importante não deixar falar a escuridão no próprio coração, é importante ter a confiança de dizer ao próprio coração: “Não me enganes, não é assim.” Porque o que está no centro da vida, no centro desta vida revelada por Jesus de Nazaré, é de facto a experiência do amor.

E isto pede de nós uma conversão, uma transformação, uma redescoberta, uma reviravolta. Se calhar, temos de dar a volta neste grande útero que é a própria Igreja, revirmos por dentro para podermos nascer, purificar-nos de imagens de Deus que não são aquelas que habitaram o coração de Jesus e que Ele nos revelou. Os céus abriam-se e a voz de Deus pôde-se ouvir: “Tu és o Meu filho muito amado, em ti coloquei todo o Meu amor.”

(Cardeal Dom José Tolentino Mendonça
Excertos da homilia do Domingo do Batismo do Senhor,
realizada na Capela do Rato em 2015)

Notas:

parte III

Introdução

O tempo não é linear: é cíclico. Todos os dias, temos hipótese de recomeçar, de fazer do dia que vem aí um tempo novo, melhor, diferente do que foi ontem. Todos os meses, todos os anos, em cada estação, há um recomeço.

No tempo litúrgico também é assim: em cada dia, celebramos a fé e a certeza da presença de Deus junto de nós. Mas há ciclos, há momentos fortes, há o tempo de que precisamos – humanos, que somos – para nos prepararmos para cada um desses momentos. Para que uma festa corra bem, é preciso que seja muito bem preparada; e quanto mais importante é a festa, mais longamente e cuidadosamente a preparamos.

Vem tudo isto a propósito do Advento, que agora começamos, e do Natal, que o Advento prepara.

Todos os anos, no fim do ano civil, termina um ano litúrgico e começa outro. E começa com o Advento.

O Advento é este tempo de espera atenta, de deixar que Deus abra caminhos no nosso quotidiano, rios de vida nos nossos desertos. Se no Natal tomamos maior consciência da proximidade de um Deus que Se faz de tal modo próximo que vem viver no meio de nós (mais: que Se faz um de nós!), o Advento é o tempo para irmos abrindo o coração a essa vinda, de nos irmos apercebendo de como Ele Se aproxima de cada um de tantos modos diferentes.

Na terceira parte deste Caderno de Oração quisemos precisamente partilhar convosco dois testemunhos que mostram como há situações em que vemos mais claramente como Deus está perto, como Ele faz caminho connosco: são os testemunhos agradecidos de uma missionária que celebra os 50 anos de vida consagrada e o de alguém que participou num retiro/peregrinação em busca das fontes de Espiritualidade da Verbum Dei, designado “Nos caminhos de Jaime Bonet”.

Trazemos ainda um texto explicativo e um excerto da Bula de proclamação do Jubileu de 2025.

O Papa Francisco quis marcar este ano que vai começar como um tempo especialíssimo. Ao Jubileu ou Ano Jubilar pode chamar-se também Ano Santo. Cabe-nos a nós, em 2025, deixar que Deus torne Santo o nosso ano, deixar que Ele entre no tempo que iremos viver e converta o nosso coração à santidade a que nos chama: *“Sede santos, porque Eu, vosso Deus, sou Santo”* (Lv 19,2).

O Advento de 2024, é, assim um Advento especial: não nos prepara só para o Natal e para a proximidade de Deus – prepara-nos para o Jubileu, esse Ano Santo que nos é dado para nos aproximarmos mais e mais de Deus.

História do Jubileu

– De onde vem o nome Jubileu

“Jubileu” é o nome atribuído a um ano particular. Ao que parece, deriva do instrumento que se usava para indicar o início desse ano: trata-se do **yobel**, o chifre do carneiro, cujo som anuncia o Dia da Expição (Yom Kippur).

– Contexto Histórico-Bíblico

Yom Kippur, o “Dia da Expição”, é o dia mais sagrado no Judaísmo.

Ocorre anualmente no dia 10 de Tishrei, o primeiro mês do calendário hebraico. Centrado essencialmente na expiação e arrependimento, as observâncias do dia consistem em jejum completo e comportamento ascético, acompanhados de oração intensiva, bem como na confissão dos pecados.

“Dia da Expição” não é a tradução exata. O nome Yom Kippur é baseado no versículo da Torá que diz: “... mas no 10.º dia do sétimo mês é o dia de quipurim para vocês...” A tradução literal de quipurim é “purificação”. Yom Kippur é um dia judaico para expiar más ações e tornar-se limpo e purificado delas.

Ainda que seja uma festa celebrada todos os anos, tem um significado especial quando coincide com o início do ano jubilar.

O **livro do Levítico** já nos fala de um ano jubilar convocado cada 50 anos.

«Contarás sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete anos; de forma que a duração destas sete semanas de anos corresponda a quarenta e nove anos.

Depois, farás ressoar fortemente a trombeta, no décimo dia do sétimo mês. No dia do grande Perdão, fareis ressoar o som da 58 trombeta através de toda a vossa terra.

Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam. Este ano será para vós um Jubileu; cada um de vós voltará à sua propriedade, e à sua família.

O quinquagésimo ano é o ano do Jubileu: não semeareis, não colhereis do que cresce. Porque é o Jubileu, deverá ser uma coisa santa para vós e comereis o produto dos campos.

Neste Jubileu, cada um de vós recobrará a sua propriedade.» (Lv 25, 8-13)

– No Novo Testamento:

No evangelho de Lucas (Lc 4, 18-19), citando Isaías (Is 61, 1-2), fala-se-nos de “Ano favorável”, “Ano da graça do Senhor”.

«Jesus entrou num dia de sábado na sinagoga e levantou-Se para ler.

Entregaram-Lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

*“O Espírito do Senhor está sobre Mim,
porque Me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”.»*

– Na história do cristianismo:

É Bonifácio VIII quem, em 1300, proclama o primeiro Jubileu, também chamado de “Ano Santo”. A sua frequência mudou ao longo do tempo:

No início, era a cada 100 anos; a frequência passou para cada 50 anos em 1343, com Clemente VI, e para cada 25 em 1470, com Paulo II.

Também há jubileus “extraordinários”: o Papa Francisco proclamou o Ano da Misericórdia em 2015.

Spes non confundit
BULA DE PROCLAMAÇÃO DO JUBILEU ORDINÁRIO DO
ANO 2025 – Papa Francisco

A QUANTOS LEREM ESTA CARTA, QUE A ESPERANÇA LHES ENCHA O
CORAÇÃO

1. «*Spes non confundit* – a esperança não engana» (Rm 5, 5). Sob o sinal da esperança, o apóstolo Paulo infunde coragem à comunidade cristã de Roma. A esperança é também a mensagem central do próximo Jubileu, que, segundo uma antiga tradição, o Papa proclama de vinte e cinco em vinte e cinco anos. Penso em todos os *peregrinos de esperança*, que chegarão a Roma para viver o Ano Santo e em quantos, não podendo vir à Cidade dos apóstolos Pedro e Paulo, vão celebrá-lo nas Igrejas particulares. Possa ser, para todos, um momento de encontro vivo e pessoal com o Senhor Jesus, «porta» de salvação (cf. Jo 10, 7.9); com Ele, que a Igreja tem por missão anunciar sempre, em toda a parte e a todos, como sendo a «nossa esperança» (1 Tm 1, 1).

Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança! A Palavra de Deus ajuda-nos a encontrar as razões para isso. Deixemo-nos guiar pelo que o apóstolo Paulo escreve precisamente aos cristãos de Roma.

2. «Uma vez que fomos justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo. Por Ele tivemos acesso, na fé, a esta graça na qual nos encontramos firmemente e nos gloriamos,

na esperança da glória de Deus (...). Ora a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 1-2.5).

(...)

Portanto, o próximo Jubileu há de ser um Ano Santo caracterizado pela esperança que não conhece ocaso, a esperança em Deus. Que nos ajude também a reencontrar a confiança necessária, tanto na Igreja como na sociedade, no relacionamento interpessoal, nas relações internacionais, na promoção da dignidade de cada pessoa e no respeito pela criação. Que o testemunho crente seja fermento de esperança genuína no mundo, anúncio de novos céus e nova terra (cf. 2 Ped 3, 13), onde habite a justiça e a harmonia entre os povos, visando a realização da promessa do Senhor.

Deixemo-nos, desde já, atrair pela esperança, consentindo-lhe que, por nosso intermédio, se torne contagiosa para quantos a desejam. Possa a nossa vida dizer-lhes: «*Confia no Senhor! Sê forte e corajoso, e confia no Senhor*» (Sal 27, 14). Que a força da esperança encha o nosso presente, aguardando com confiança o regresso do Senhor Jesus Cristo, a Quem é devido o louvor e a glória agora e nos séculos futuros.

Roma, São João de Latrão, Solenidade da Ascensão, 9 de maio de 2024



Nos Caminhos de Jaime Bonet

Guardo no coração a Alegria de ter participado na Peregrinação/Retiro “Nos caminhos de Jaime Bonet”. Mergulhar mais a fundo nas Fontes de Espiritualidade da Verbum Dei tem sido uma luz para este ano em que somos chamados a ser “Alegres na Esperança”.

Logo na 1ª fonte - HABITAÇÃO DA TRINDADE, mergulha-se na raiz desta Alegria, que é uma alegria de viver acompanhado, de ser Templo Sagrado, de carregar dentro de nós um tesouro valioso. Este “viver acompanhado” reforça a ideia de que não é uma alegria motivada pelo otimismo, nem por momentos de euforia, mas antes que tudo o que vivo é acolhido e suportado não pela minha força, mas sim, com tudo o que sou, alicerçado nesta boa companhia (PAI - FILHO - ESPÍRITO SANTO). E isto é para mim e para todos, Todos!... Logo, muda o olhar que tenho tantas vezes sobre o próximo. E que Alegria, a de saber que tenho MÃE!... MARIA, que me inspira na Alegria da Confiança.

Posso alimentar tudo isto no banquete que JESUS prepara para mim, a EUCARISTIA, que me faz também sujeito responsável na sua aliança, para que também me possa comprometer inteira, com tudo o que sou, e entregar a minha vida aos outros, para que tudo o que recebo faça viver outros.

Tudo o que faço não é obra isolada, porque este CORPO MÍSTICO onde JESUS é a Cabeça, do qual eu faço parte e que congrega Todos, Todos, Todos!... trabalha para a construção de um mundo com relações mais humanizadas.

ESTA É A ALEGRIA DE QUE PRECISO PARA CAMINHAR NA ESPERANÇA!

Leonor Carvalho



Jubileu: "50 anos de vida missionária" "Entra na alegria do teu Senhor"

Há 50 anos (1974), um grupo de raparigas, entre as quais eu própria, ouviu pessoalmente o apelo de Jesus, que nos disse: "*Vem e segue-Me*". A sua atração, bondade e beleza, sempre misteriosas e avassaladoras – pois mal O conhecíamos –, fez-nos deixar tudo: família, estudos, trabalho, amigos, projetos... para com Ele formar uma "nova família" na Fraternidade Missionária Verbum Dei, e, de lá, sermos enviadas para o mundo: Japão, Filipinas, Singapura, Brasil, Venezuela, Colômbia, África, Suíça, Alemanha, Portugal, Espanha..., a fim de partilharmos o **Tesouro** que havíamos encontrado e que nos tinha sido confiado para levar a muitos.

Neste ano de 2024, em que celebramos "**50 anos de vida missionária**", trouxemos os nossos barcos e redes ao porto de onde Jesus nos chamou, dizendo: "*Vem comigo para um lugar afastado, para descansar um pouco*", e o texto continua: "*Pois eram tantos os que iam e vinham, que nem tinham tempo para comer*" (Mc 6, 31). A nossa vida missionária nestes "50 anos" foi um contínuo estar com Jesus, ir com Ele – ou Ele conosco –, em contacto constante com tantas e tantas pessoas que fizeram parte da nossa vida e foram o motivo da nossa dedicação e a alegria do nosso coração missionário.

Jesus quis que vivêssemos este Jubileu de uma forma "extraordinária". E como? Disse a cada uma de nós e em comunidade: "*Vinde, missionárias boas e fiéis; fostes fiéis no pouco, colocar-vos-ei à frente de muito. **Entrai na alegria do vosso Senhor***" (Mt 25, 21). Jesus sabe que a nossa fidelidade a Ele e à missão recebida de O levar ao mundo foi possível graças ao Seu Amor, Fidelidade, Misericórdia, Paciência, Perdão... Unidas ao que afirma São João, também nós proclamamos que "*amamos porque Ele nos amou primeiro*" (cf. 1 Jo 4, 10). Eis o mistério e o fundamento da nossa vida missionária.

Entrar na alegria do Senhor é algo maravilhoso, inefável, que ultrapassa toda a capacidade de se alegrar do coração humano. Assim está a ser a experiência que vivenciamos neste *Ano Jubilar*. Viver o júbilo, a alegria dos “50 anos de vida missionária” – cheia de sentido, gratidão, alegria, misericórdia –, *na alegria do Senhor*, é uma experiência de Felicidade, Graça, Plenitude, Amor, Liberdade, Vida, Amor Fraternal, tanto a nível pessoal como comunitário, que torna possível para cada uma de nós, de modo muito real, o que diz o Salmo: “*Na velhice continuará a dar frutos e será exuberante e luxuriante para anunciar a bondade do Senhor*” (cf. Sl 92, 15-16). É pela Sua graça, por esta graça que estamos a receber, que, volvidos 50 anos, poderemos continuar a nossa peregrinação missionária com renovado amor, entusiasmo, gratidão, vigor, ... olhando os olhos de Jesus, que, “*vendo a multidão, cansada e abatida, compadeceu-se deles e disse-nos: ‘Dai-lhes vós de comer’*” (Lc 6, 34.37). E nós seguimo-l’O, dizendo: «*Eis-me aqui, Senhor, envia-me*» (Is 6, 8), ou, como Maria, nossa Mãe: «***Faça-se em mim segundo a Tua palavra***» (Lc 1, 38).

Queremos agradecer, uma vez mais, a todos os que nos acompanham – de diferentes maneiras – neste Ano Jubilar no Senhor.

M^a Carmen García San Segundo, FMVD
(Em nome e em comunhão com todo o grupo das 9 missionárias
que celebram este «Ano Jubilar no Senhor»)



Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do
Bispo
GPS N 38° 49' 15''; W 9° 17' 25''
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei
lisboa.verbumdei.org | contacto@lisboa.verbumdei.org | Tel. Lisboa
- 21 795 0957

cadernodeoracaovd@gmail.com

